

ESPAÇOS DE CULTO DE SANTO ESTÊVÃO DE BARROSAS (LOUSADA):

Parte II: Capela de Santo André

A Capela de Santo André situa-se na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, na veiga do ribeiro das Cruzes, à margem do caminho velho que ligava a portela de Barrosas às terras de Vizela. Presumivelmente edificada no século XV, no seio do mais importante núcleo de povoamento baixo medieval da freguesia, a Capela de Santo André foi sendo sucessivamente intervenionada ao ritmo das vicissitudes económicas, religiosas e sociais que marcaram, localmente, o período Moderno. Ainda assim, o edifício atual, globalmente datado do século XVIII, conserva boa parte das suas referências identitárias, seja pela cantaria com gravações memorativas, pela arquitetura de traço singelo ou pelo bom estado de conservação dos paramentos que altivam o minúsculo interior.



Na sequência do projeto *Inventário Patrimonial da Freguesia de St.º Estêvão de Barrosas* (Lemos, no prelo) e do arrolamento de 11 sítios do tipo *Espaços de Culto* (seis capelas: Senhor do Padrão, Senhor do Horto, Senhora das Dores, Santo André, Carmo e Ermida; um oratório: Nossa Senhora de Fátima; três alminhas: Padrão, Carmo e Almas; e ainda a igreja paroquial da freguesia), foram publicados neste Suplemento de Arqueologia dois artigos dedicados ao património religioso da freguesia. O primeiro, em março de 2016, dedicado à igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas (Nunes e Lemos, 2016:21-25) e o segundo, abordando a Capela da Casa do Carmo, editado em março de 2017 (Nunes e Lemos, 2017:21-25). Neste número, novamente dedicado à freguesia de St.º Estêvão de Barrosas e aos seus *Espaços de Culto*, expressão aqui entendida como *lugares de prática religiosa* (e também de *experiência do sagrado*), seja ela de carácter formal e coletiva, ou informal e individualizada, subsidia-se o tema dedicando um artigo exclusivo à emblemática Capela de Santo André, um templo privado, pertença da Casa que à Capela deve o nome, localizado à face do caminho medieval da Venda, uma importante via local que estruturava o tráfego pedestre e carreteiro entre a portela do Bom Jesus de Barrosas (Felgueiras) e a atual EN 207-1, junto à Longra, à entrada da vizinha freguesia de Santa Eulália de Barrosas (Vizela).

A ORIGEM DA CAPELA DE SANTO ANDRÉ (SÉCULO XV E XVI)

A origem da Capela de Santo André (08°16'57.5"/41°20'11.9") é obscura. Considerando a Casa de Santo André como alfofre dos antigos e atuais Pachecos de Portugal, dado que, já em 1485, era nela senhor e morador Fernão Pacheco Pereira, fidalgo da Casa de D. João II, o facto deste senhor de importantes e rendosos bens, situados junto do Douro, no concelho de Resende, vir residir numa pequena propriedade como era a sua Casa de Santo André, na freguesia de St.º Estêvão de Barrosas é, segundo Abílio Pacheco de Carvalho, autor da obra "Pachecos, subsidios para a sua genealogia", *prova formal de que se tratava de bens herdados, que ele quis aumentar com a aquisição dos vizinhos Casais de Ledesma, fazendo a troca com o Convento de Cárcquere. Esta troca teria em si o propósito de aqui estabelecer, directa ou indirectamente, um ramo da sua família, por ter herdado estes bens (...).* A confirmação de que se tratariam de bens her-

Capela

- 13 - Capela do Carmo
- 21 - Capela da Ermida
- 23 - Capela de St.º André
- 24 - Capela do Sr. do Padrão
- 30 - Capela da Sr.ª das Dores
- 32 - Capela do Sr. do Horto

Alminha/oratório

- 7 - Oratório de N.ª S.ª Fátima
- 12 - Alminhas do Carmo
- 26 - Alminhas do Padrão
- 29 - Alminhas das Almas

Igreja Paroquial

- 1 - Igreja de St.º Estêvão de Barrosas



FIGURA 1 Localização dos *Espaços de Culto* identificados em St.º Estêvão de Barrosas, nomeadamente da Capela de Santo André. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 99. IGEQE.

dados que não queriam alienar, verifica-se documentalmente, segundo o autor, *quando mais tarde, em partilhas, se declara que havia 2 campos «herdade» sobre os quais incidia a obrigação da fabrica da capela de Sto. André, de que os Srs. da Casa eram seus administradores* (Carvalho, 1985:47).

Adiante, ainda a este propósito, Abílio Pacheco de Carvalho refere que Isabel Pacheco, descendente e herdeira da Casa de Santo André e suas pertenças já na 2.ª metade do século XVI, recebeu a dita casa (...) *que eram bens de raiz, propriedade de avoenga: Terras herdadas em que é imposta a fábrica da capela do seu Casal de Santo André* (1985:60). E conclui, com base no Prazo a Santos Pacheco, e sua mulher do casal de Santo André sito na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas feito aos 17 de Outubro de 1567 (TT_Livro 17, f.30) que quando nesse prazo se nomeiam os homens bons que deveriam medir, descrever e confrontar os terrenos de que era directo senhorio a Convento

de Sta. Maria do Oliveira, estes chamam-lhe de «Casal de Santo André o boussoo», o que me leva a inferir que o Casal do Bouço também era chamado de Santo André, muito provavelmente por ser mais conhecido o lugar do Santo André, graças à existência ali da capela com essa invocação (Carvalho, 1985:66). Ora, atendendo ao facto do lugar de Santo André ser referenciado na documentação a partir do século XV, e reiteradamente ao longo do século XVI, parece plausível assumir a contemporaneidade entre o topónimo e o templo, tanto mais que, como refere Abílio Pacheco de Carvalho, a atribuição do hagiotopónimo ao lugar ou à propriedade confinante é frequente quando, como seria o caso, confronta com o espaço físico de culto, neste caso a Capela de Santo André.

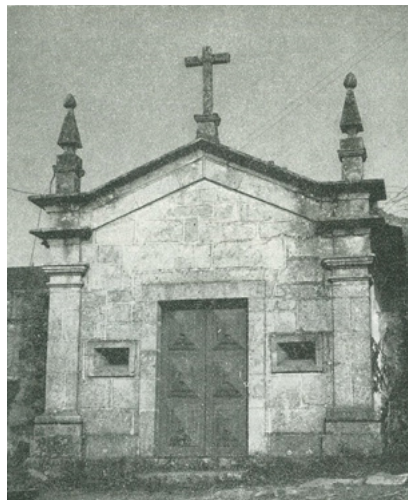


FIGURA 2 Imagem da Capela de Santo André nos anos 70 [Carvalho, 1985:61] e na atualidade.

A NOVA CAPELA (SÉCULO XVIII)

Em 1758, nas Memórias Paroquiais, o padre Jerónimo de Araújo, *abbade da parrochial igreja de Santo Estevam de Barrozas*, referia-se à Capela de Santo André nos seguintes termos: *Tem esta freguesia três ermidas (...) a outra ermida de Santo André, sita dentro do mesmo lugar de Santo André, que pertence a João Pacheco, do mesmo lugar, e não acode a ela romagem* (Capela, 2009:299-300). João Pacheco Monteiro (1681-1765), filho de André Pacheco Monteiro (1649-1722), foi senhor da Casa de Santo André e administrador da sua capela. Precisamente dessa altura chegamos à notícia da intimação feita pelo Visitador a João Pacheco Monteiro em 7 de novembro de 1724 (Visitações, fl.8) para que reedificasse a Capela de Santo André que (...) *se acha indecente e necessita de reforma, tanto de paredes, como de telhado, por cujo respeito a mande reedificar o dito administrador dentro de seis meses e em nenhum tempo consinta se recolha na tal capella cousas profanas, pois me constou se recolhiam, o que é indigno de semelhante lugar*. Uma nova intimação decorrente da Visitação de 26 de abril de 1728 (Visitações, fl.11) sugere que as obras de reabilitação do templo nunca terão sido realizadas. Nesta nova notificação o Visitador aponta que a *capella de Santo André (...)*

está indecente e incapaz para o culto divino o que algumas vezes serve de recolhimentos profanos (...) portanto a hei por suspensa para nela se dizer missa até merce de S. Il.ma ao reverendo Pároco, tirará dela a imagem ou imagens que houver de vulto e as colocará nesta igreja em lugar decente e quando não haja quem se obrigue a venerá-la ou obrigar-se a fábrica dela, o reverendo Pároco dará conta ao dito senhor para a mandar demolir.

As obras, todavia, e mais uma vez, nunca chegaram a ser concretizadas, a ponto de, na Visitação de 19 de outubro 1745 (Visitações, fl.29v; ADB_Liv.106, fl.75), o Visitador Manuel Correia de Araújo expressar a sua indignação, não apenas pelo estado, mas também pelo uso dado à capela: *Por ver pessoalmente a indecência da capela de Santo André desta freguesia é muito limitada na sua grandeza e tem a porta (...) para uma eira, sendo assim causa de servir de recolhimento dos frutos de seu administrador, do que para o culto divino, e juntamente não tem ainda obrigação alguma de rendimento próprio para a fábrica da mesma, pelo que manda que seu administrador, João Pacheco Monteiro (...) reedifique de novo a dita capela, fazendo-a maior e com porta para a estrada pública que vai por detrás da mesma, para o que pedirá*

licença a Sua Alteza Sereníssima dentro do dito tempo, ou para a mudar para outro lugar mais capaz se o mesmo senhor assim for servido (...) caso que assim o não faça no tempo determinado (...), dará [o pároco] conta com este meu provimento à Casa do Despacho para se lhe mandar demolir pela sua grande indecência.



FIGURA 3

Vista parcial do alçado sul da capela.

FIGURA 4

Aspetto da fachada da Capela de Santo André com a representação gráfica da data memorativa [1797].

No ano seguinte, João Pacheco Monteiro, por devoção que tem ao dito santo (...) pede licença para fazer a capela de novo em lugar mais conveniente e capaz que é da outra parte da estrada, ficando com porta para a estrada e sendo maior e fazendo-lhe com sua mulher doação de dez medidas de grão anuais, que se lhe podem impor para a sua fábrica (...) (ADB_Liv.106, fl.74). A 8 de junho de 1746 é-lhe concedida a licença para obra nos seguintes termos: (...) concedemos licença a ele dito suplicante para que possa mudar a capela de que na petição retro se faz menção para o sítio de que trata, a qual será feita com toda a perfeição, com as portas para o público, sem que lhe fique alguma para casa particular e menos janela, fresta ou tribuna e feita que assim seja, nos requererá licença para a bênção dela (...).¹

A solicitação para a bênção da capela tem data de 22 de agosto de 1748 pelo que as obras de demolição e reconstrução da



capela do lado oposto do velho caminho medieval da Venda deverão ter ocorrido entre junho de 1746 e agosto de 1748 (ADB_Liv.171, fl.388v). A autorização para a bênção da capela é atribuída a 19 de janeiro de 1752.

Ao longo da 2.ª metade do século XVIII, apesar de se repetirem as Visitações e, com elas, algumas determinações acerca da necessidade de renovar paramentos, não mais o Visitador se referirá à necessidade de obras na capela. Ainda assim, a gravação, no cunhal direito do alçado poente de uma data memorativa – 1797 – sugere que a Capela de Santo André, como acontecia frequentemente com estes espaços de culto, foi sendo alvo de restauros e/ou reformulações paulatinas que acabaram por lhe determinar a traça atual.

Atualmente, a Capela de Santo André é um templo de planta longitudinal com uma superfície de 20 m² (ADIOP, 1954:2) de massa simples, com os alçados rebocados e pintados de branco, à exceção da fachada principal que apresenta aparelho à vista. As jane-

¹A este documento acresce um outro despacho anterior do Desembargador procurador-geral da Mitra que, a 6 de maio de 1746, autoriza o administrador da capela a utilizar para a construção da nova capela dos materiais da antiga. (ADB_Liv.106, fl.76).



FIGURA 5 Pormenor do painel de madeira com policromia do altar-mor.



FIGURA 6 Pormenor da estátua representando o orago Santo André.



FIGURA 7 Aspeto do púlpito da capela adossado à parede norte do edifício.

las bem como as portas, incluindo aquela aberta na fachada sul, apresentam umbrais retos e lisos. A cobertura é de duas águas em telha de meia cana. A fachada principal, enquadrada por cunhais em cantaria com soco saliente e remate superior em dupla cornija, apresenta um portal simples, sem qualquer elemento decorativo, ladeado por duas frestas retangulares. A fachada termina em empena coroada por cruz latina de remate liso sobre acrotério. Sob a cornija desenvolve-se um friso simples que percorre o vértice da empena. Os cunhais ostentam pináculos piramidais sobre plintos paralelepípedicos. A mesma solução encontra-se simetricamente replicada na empena da fachada anterior do edifício. No interior,

para além da estátua do orago, destaca-se o nicho em arco que encima o retábulo mor. Segundo Abílio Pacheco Carvalho, trata-se de uma peça dos começos do século XVI, em madeira, pintado a óleo com figuração de santos (Carvalho, 1986:60). Também o altar e o teto são em madeira com policromia exibindo motivos vegetalistas. Destaque, ainda, para o pequeno púlpito com escadaria e para o nicho com rebordo em relevo decorado aberto na parede sul.

Bibliografia

- ADB_ Arquivo Distrital de Braga. *Registo de provisão por que Vossa Ex.^a é servido conceder ao suplicante, João Pacheco Monteiro para mudar a capela de Santo André para o sítio de que trata*. Livro 106, fl. 74-78v.
- ADB_ Arquivo Distrital de Braga. *Diz João Pacheco Monteiro, padroeiro de Santo André da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas deste arcebispado primaz que alcançou provisão para mudar a capela de Santo André*. Livro 171, fl. 388-389v.
- ADP_ Arquivo Distrital do Porto. *Visitações*. Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas. 1719-1812.
- ADIOP_ Arquivo Diocesano do Porto. *Inquérito de 1954*.
- CAPELA, V.J.; MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009). *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
- CARVALHO, A.P. (1985). *Pachecos, Subsídios para a sua Genealogia*. Lisboa.
- LEMOS, P. (No prelo). *Inventário do Património da Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas*. União de Freguesias de Lustosa e Barrosas. Santo Estêvão. Lousada.
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2016). Novos elementos para o estudo da Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada). Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 17. 4ª Série. N.º 142. Lousada: CML, p.21-25.
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2017). Espaços de culto da freguesia de St.º Estêvão de Barrosas (Lousada). Parte I: Capela da Casa do Carmo. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 18. 4ª Série. N.º 154. Lousada: CML, p.21-25.



FIGURA 8 Pormenor da policromia presente no painel frontal do altar da capela.